

Comitê concorda em dispensar FMI

■ Bancos emitem documento favorável ao Brasil e acordo será firmado em 15 de abril

ANA MARIA MANDIM
Correspondente

NOVA IORQUE— O Comitê Assessor dos Bancos Credores enviou comunicado a todos os bancos credores do Brasil sugerindo que abram mão da exigência de um acordo *stand by* com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para que seja efetuada a troca dos títulos velhos da dívida brasileira por novos papéis, em condições mais favoráveis de pagamento, até o dia 15 de abril. Com isso, fica viabilizado o acordo firmado com os bancos credores em novembro do ano passado, que estabelecia o dia 15 de abril como data limite para ser homologado.

Até o dia 29 de março, 66,75% dos credores terão que aderir à posição do comitê assessor para que o processo não seja interrompido. Mas a recomendação do comitê já é considerada um sinal de que o acordo está selado. O documento brasileiro, assinado mais tarde pelo ministro, em seu quarto no hotel, foi distribuído para a comunidade financeira internacional junto com uma nota do comitê assessor, informando de sua concordância e de que o Brasil está disposto a finalizar o acordo, depositando, até o dia



Cardoso, com a esposa Ruth, regressa sem aval do Tesouro americano

15 de abril, US\$ 2,8 bilhões em bônus do Tesouro americano, que constituem parte das garantias exigidas pelos bancos.

A guarda dos bônus, enquanto o acordo não entra em vigor, ficará a cargo do Bank of International Settlements (BIS), suíço, o banco central dos bancos centrais. As 3h45

(5h45 do Rio de Janeiro), com 45 minutos de atraso em relação à hora marcada, o diretor do Brasil no Banco Mundial, Marcos Caramuru, atravessou apressado, o saguão do hotel Intercontinental, em Nova Iorque, em busca do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Portador de uma notícia im-

portante para 150 milhões de brasileiros, Caramuru anunciaria que estava quase pronto o comunicado do Brasil para o comitê assessor dos bancos credores, pedindo licença (*waiver*) para dar prosseguimento à renegociação da dívida, mesmo sem o acordo *stand-by* com o FMI. O comunicado chegaria 15 minutos depois, trazido por Richard Howe, assessor de Bill Rhodes, presidente do Comitê de Bancos Credores.

“Eu quero manter o segredo, mas que essa foi uma operação bonita, foi”, comentou o ministro, referindo-se à quantidade de bônus Cupom-Zero que o Brasil já teria adquirido — discretamente, para não chamar a atenção do mercado e pagar mais caro — a fim de lastrear a renegociação da dívida externa com os bancos privados. “A taxa de juros, o chamado risco Brasil, terá que cair, agora que foi resolvido o problema da dívida. “O Brasil deixou de ser um risco, para ser um país solvente”, afirmou Fernando Henrique.

A vitória do ministro, porém, não foi completa. Ele volta ao Brasil amargando o fato de o Tesouro americano não ter dado o aval ao país para emissão dos títulos, o que está obrigando o Brasil a sacar de suas reservas internacionais.

Nova Iorque - Reuter